

A Terra Grapiúna aos Olhos de Jorge Amado

Grapiúna Land in the Eyes of Jorge Amado

Aline de Jesus Sena*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar as muitas possibilidades levantadas por meio da escrita memorialística. Trata-se da apresentação do romance do escritor baiano Jorge Amado, *O menino grapiúna*, e a história que esse romance segue para a região cacaueteira baiana no início do século XX. Ao compor seu romance por meio de suas lembranças o autor permite ao leitor uma apresentação diferente e traçada de forma não linear e impregnada pela fantasia que permitirá o preenchimento das lacunas que surgirão no meio das lembranças que se darão ao escritor.

Palavras-chave: O menino grapiúna. Romance Memorialístico. Memórias.

Abstract: *This work aims to present the many possibilities raised by written memoirs. It is the presentation of the novel of the Bahian writer Jorge Amado, O menino Grapiúna (The Grapiúna boy), which takes place in the Bahia cocoa region in the early twentieth century. When composing his novel through its memories the author allows the reader to a different presentation and mapped non-linearly and impregnated by the fantasy that will allow filling the gaps that arise in the middle of the memories given by the writer.*

Keywords: *O menino grapiúna. Memorialistic novel. Memories.*

* A autora é Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Introdução

Não serão ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? O pensamento criador submergido, afogado pelas teorias, pelos conceitos dogmáticos, o avanço do homem travado por regras imutáveis?

Jorge Amado

O cenário literário brasileiro pode contar com diversos autores de renome e influência no circuito literário. A produção literária do Brasil apresenta ao mundo os autores das mais variadas regiões do país. Como não poderia ser diferente, o fato de o Brasil contar com uma extensão territorial invejável não é raro o surgimento de escritores que objetivam apresentar um pouco sobre a terra em que foi criado.

Essa prática, que ainda hoje pode ser observada em alguns autores, se mostrava uma marca muito importante em autores sertanejos. Cada um desses escritores, com suas obras, permitiram à população brasileira, que em muitos casos ficam restritos ao espaço de determinadas regiões sem que possam se distanciar, geograficamente, das mesmas, conhecer um pouco dos costumes e da vivência de partes distantes do Brasil.

Entre os autores que figuram esse cenário pode-se citar o escritor baiano Jorge Amado. O escritor lança mão de um dos muitos recursos disponíveis no meio literário e, desse modo, recria sua infância por meio de seu romance memorialístico intitulado *O menino Grapiúna*, de 1987.

A relatar sua infância, passada na região cacauera de Ilhéus e Itabuna, cidade da região sul baiana, na primeira metade do século XX, Jorge Amado permite ao leitor se misturar aos grandes coronéis do cacau e ao cotidiano apresentado naquela região.

Este texto tem como objetivo apresentar as diversas possibilidades levantadas pelo escritor por meio de sua produção literária. Busca-se a imagem de si que o intelectual possui a partir das memórias que ele decidiu compartilhar por meio de seu escrito memorialístico.

Assim, a partir da obra de Jorge Amado será apresentado o reconhecimento de si que o autor partilha por meio da narração de episódios de sua infância e, conseqüentemente, apresenta-se a região grapiúna do interior da Bahia em meio aos coronéis, prostitutas e vagabundos que povoavam a região naquele período. Demonstra-se por meio do romance a capacidade de se “reconstruir” uma região por meio da seleção das memórias de um escritor e solidificar esse novo lugar por meio da escrita literária da memória.

A Bahia do Menino Grapiúna

O escritor Jorge Amado, filho do coronel do cacau João Amado de Faria, nascido em um pequeno distrito da cidade de Itabuna, lugarejo chamado Ferrada, cresceu junto aos conflitos protagonizados pelos grandes coronéis que ansiavam em ampliar seu poder diante da população. Aquele menino tornou-se homem e ficou mundialmente conhecido como escritor de grande talento para retratar o regionalismo nordestino, principalmente, da terra em que vivera a Bahia. O infortúnio dos menos favorecidos socialmente e a sensualidade da mulher, com uma forte dose de erotismo, está presente em cada uma de suas obras.

Essas características apontadas em suas obras são confirmadas pelo próprio autor na ocasião de uma entrevista concedida a Álvaro Cardoso Gomes: “Cada vez, eu procuro mais o anti-herói... os vagabundos, as prostitutas os bêbados. Eu sou, no fundo e, sobretudo, um romancista de vagabundos e putas... e trabalhadores” (GOMES, 1981, p. 29).

Amado, em alguns casos, apontado como escritor de um erotismo rasgado, um divulgador e defensor de boêmios e, sobretudo, um homem que antes de acreditar em qualquer ideologia prefere crer na sensibilidade humana e no potencial dos menos favorecidos. É aquele que busca na alma do ser humano suas inquietações e faz o possível para ajudar aqueles que rodeiam sua existência. O baiano que, aqui, será apresentado é mais que uma imagem mercantilizada ou folclorizada por meio de seus romances vendidos ao redor

do mundo. É um homem sorridente e amável, acima de tudo é um homem de grande humanidade, como escreve Eneida Leal Cunha:

Um senhor robusto e sorridente, de farto bigode e barba por fazer, cabelos revoltos, camisa aberta ao peito e pés a mostra nas sandálias de pescador, saboreando prazerosamente uma das muitas frutas típicas que abraça. (CUNHA 2003, p. 128).

Esse é o homem a ser apresentado por meio de seu romance memorialístico *O menino grapiúna*. O homem que fundamenta ideologias políticas para substrato de uma concepção da realidade como, nas palavras de Afrânio Coutinho:

Em vez de fundamentar a sua imagem da realidade em pressupostos de filosofia deterministas, mecanicista e positivista, vale-se de uma ideologia política para substrato de uma concepção da realidade, como objetivo de violentar e subvertê-la usando a ficção como arma de propaganda e ação (COUTINHO, 1976, p. 343).

Essa arma é muito visível no romance memorialista de Amado que traz suas lembranças de forma fantasiosa. Conta a história de um menino criado em meio aos coronéis do cacau, jogadores, aventureiros, prostitutas e eterna disputa pelo poder.

Apesar de relatar os acontecimentos de períodos tão conturbados o autor não perde o seu foco principal, a humanização de suas personagens. Em seu trabalho procura expor todos os acontecimentos que o rodeiam, ainda que esses sejam compostos por prostitutas, coronéis tiranos, jogadores ou aventureiros que tentam ganhar a vida nas terras grapiúna.

Esse romance, *O menino grapiúna*, está repleto dessas personagens que povoaram a vida do escritor. Cada uma delas é descrita da forma que o romancista se recorda. Ele faz um apanhado de suas lembranças de menino e as fantasia da forma que sua memória lhe reporta dando a seu leitor a sua própria visão dos fatos. Esse romance se torna uma obra da memória de Amado, pois busca registrar sua vida, os passos da infância do narrador-personagem, e transmiti-los ao seu leitor. Contudo, o livro consegue manter resistência à interpretações vagas, pois, resiste a deturpação de sua biografia, como é observado por Cunha: “impõe a sua própria narrativa, aberta à leitura, mas resistente as interpretações que desvirtuem, que rasurem ou alterem a

imagem instituída do escritor, resistente sobretudo, à elaboração de biografias alternativas” (CUNHA, 2003, p. 125-126).

O romance é uma construção memorialística completamente despida de linearidade sequencial e dotada de grande subjetividade, no que diz respeito as memórias que sofrem a justaposição. Esses quadros têm um pacto de autenticidade, como reforçado Cunha:

Substituindo a linearidade seqüencial pela justaposição dos traços do vivido, a univocidade pelo não – hierarquizado de múltiplas subjetividades encenadas o pacto da autenticidade própria das autobiografias pelas ambivalências do discurso ficcional (CUNHA, 2003, p. 123)

Cada fato é dado na ordem em que o narrador-personagem consegue lembrar-se, afinal, trata-se do adulto falando do menino, revivendo suas emoções de criança, redescobrimdo os prazeres que o tornaram o homem que é no momento da escrita. É a busca de sua origem, e após um demorado trabalho de recuperação da memória o escritor consegue ter com esse menino outra vez.

Amado consegue lembrar fatos de uma forma mais doce e pura que normalmente a história relata. O escritor mostra que não é, apenas, um veículo de gritos por justiça, já explicitado por Coutinho; “Instrumento de atuação revolucionária através do romance, que assim não tem individualidade literária, sendo mero veículo de valores e mensagens políticas. A essa tendência pertence parte da obra de Jorge Amado” (COUTINHO, 1976. p. 343) ele possui é, também, um homem que vê nas desigualdades, no povo mais sofrido, o coração de cada um, consegue perceber mais que as mazelas que os assolam, o autor vê nessas pessoas amor, carinho, amizade e lealdade que têm para oferecer mesmo quando a sociedade lhes vira as costas.

Jorge Amado utiliza *O menino grapiúna*, para falar de sua vida, conta fatos da infância fala do ambiente, de homens com quem viveu ainda quando menino. A ludicidade comum a uma criança é substituída pela agressividade de uma terra que tem homens que brigam por poder, como pode ser observado por Vânia Maria Rezende:

Jorge Amado trás para o presente da narração o menino que ele foi, adulto antes da hora, (...). Refere-se a sua experiência de criança, lançada a um contexto de circunstâncias agressivas, indóceis, que não dava espaço ao desabrochar da ludicidade infantil. O seu conhecimento, por antecipação, de uma realidade por demais adulta, que se desenrola na terra dos coronéis que lutavam por terras, enriquecimento e poder, o leva escrevê-la na medida exata (REZENDE, 1988, p. 163)

Para que esses relatos sejam feitos, o autor lança mão de um romantista comum aos poetas no momento em que compõem suas obras. O romancista quebra toda a aspereza e inospitalidade do ambiente em que nasceu e dos fatos vivenciados ao utilizar-se de sua imaginação. A ficção que é dada aos relatos de acontecimentos da infância do autor faz com que a história ganhe uma profundidade que não é possível apenas com o pensamento filosófico, pois, o imaginário do escritor, que se faz poeta, cruza todas as barreiras que a razão deixaria de ultrapassar, como pode-se ler na fala de René Descartes:

Pode parecer surpreendente que os pensamentos profundos se encontrem mais nos escritos dos poetas do que nos filósofos. A razão está no fato de que os poetas escreveram sob o império do entusiasmo e da força da imaginação. Existem em nós sementes de ciência, como num sílex, os filósofos as extraem pela razão, os poetas as arrancam pela imaginação; elas brilham mais então (DESCARTES, 2000, p. 36)

Esse entusiasmo ao que Descartes se refere está presente no romance de Jorge Amado de forma explícita, como pode ser observado no trecho citado: “Ficaram o audaz alazão e o rosto moreno, os cabelos lisos, de Cabo Verde, da primeira namorada. Namorada seria muito dizer, com tão pouca idade ainda não se namora, mas com que intensidade se ama!” (AMADO, 1987, p. 31).

Esse menino ainda incapaz de viver só é o mesmo que já ama intensamente. O adulto que dá voz à criança fica feliz ao fazê-lo, pois, sabe que é graças ao que foi ainda menino que é, naquele ponto, um homem. Devido a essa consciência o autor faz nas lembranças de sua idade terra comentários de adulto. Agora ele é um menino que amadureceu com o tempo e consegue ver com mais clareza os fatos, devido a essa percepção, pertencente ao adulto, rompe-se com a linearidade dos acontecimentos, ao falar do comportamento do menino. Nas palavras de Furtado, essas inserções do

adulto na imagem do menino: “Concorrem para o abalo da linearidade lógica tanto a intromissão das referências do adulto nas lembranças da infância quanto a leitura de pessoas e incidentes do passado à luz do universo mitológico e ficcional” (FURTADO, 2002, p. 35).

Para preencher as lacunas de suas lembranças o autor coloca suas impressões e sensações em seus relatos. Finge algumas lembranças dando ao seu romance a característica literária. Desloca suas inscrições da memória para o seu livro fazendo uma recuperação e ressignificação de sua memória, como nos afirma Cunha:

Como as ficções, ou com qualquer operação ficcional que torna possível a recuperação e ressignificação dos traços da memória, a construção simbólica não pode prescindir dos atos de fingir, das operações que selecionam, recalcam, combinam, condensam ou deslocam as inscrições fragmentarias do vivido, para reencená-las em um outro lugar (CUNHA, 2003. p. 126).

Essas cenas da memória de Jorge Amado são reproduzidas no seu romance com toda a sua criatividade, fazendo de seu livro, *O menino grapiúna*, um retrato de sua infância, com seus fingimentos, saudades, alegrias e aventuras, tudo que povoou a sua vida.

Nessa escrita de Amado é possível ver de forma o carinho que o autor tem pelas personagens que trabalham nos cabarés daquela região, ambiente que desde muito cedo já era frequentado pelo escritor. Em seu romance põe suas razões, relata o que vê ao olhar para aquelas meninas que trabalham naquelas casas noturnas. Para o narrador-personagem, que já sofrera com o exílio imposto pela ditadura, olhar para aquelas mulheres, que povoaram seu passado, ainda que em sua memória, fazia parte de um ritual de retorno à sua origem. Sentia-se atraído a seu país novamente, tinha motivos para voltar para casa e, ao retornar, se sentiria, realmente, bem vindo, ao contrário de outros que retornaram as suas pátrias e se sentiam verdadeiros estrangeiros em solo pátrio, como nos afirma Volpe: “Muitos daqueles que voltaram chegam a sentir que são estrangeiros em sua própria terra” (VOLPE, 2005, p. 121).

É esse sentimento de estranheza dos ex-exilados que fazia com que eles sofressem em seu retorno, mas, Amado regressou à sua terra e retomou a sua infância com seu romance.

E não são apenas as mulheres desse período em que o autor tem tenra idade que o fascina. Os homens que lhe apresentaram a elas, capatazes de confiança de seu pai, que tinha como amigos para todos os momentos, matadores de tiro certo que pelo escritor/menino tinham grande afeição e carinho, homens ferozes e capazes de amar um menino sem reservas.

Há a consciência que em uma obra literária, principalmente quando se trata de uma escrita íntima, perde-se a originalidade do romance. As lembranças do autor são modificadas por quem conta a história, os fragmentos e os recortes dados a narrativa fazem com que a ficção apodere-se dos fatos que realmente possam ter acontecido. Segundo Ricardo Piglia:

Se lee fuera de contexto, se anula la existencia del contexto doble, se recorta, se fragmenta, se cita mal, se tergiversa, se plagia. En esa operacion se pierde el original esta siempre ahi pero se lo ha olvidado (PLIGIA, 1991, p. 62).

Apesar de sabermos que o resgate da memória é contado como fatos que passaram e, possivelmente, ocorreram não se pode esquecer que “no hay memoria propia ni recuerdo verdadero, todo pasado es incierto y es impersonal” (PLIGIA, 1991, p. 65) e sabe-se que é difícil manejar uma ideia impessoal, fazer recordações da memória do outro, pois cada lembrança possui mais que dados, está repleta de convicções que somente quem detém as recordações pode expressar com a precisão que acredita existir.

Além desse fato, após períodos de intensa revolução deixou-se de ter o intelectual como único porta-voz do povo como podemos ler na fala de Elizabeth Muylaert Duque Estrada: “A compreensão de que o corpo social se constitui de diferenças irreduzíveis e tentar negá-las, tendo como objetivo um único projeto que todos englobariam, somente resulta num massacre da liberdade de identidade.” (DUQUE ESTRADA, 2004, p. 144).

É essa individualidade que se quer preservar no momento em que o povo passa a falar por si, com suas crenças e necessidades. Passa a falar

utilizando a sua alma, pois o mais digno é que as pessoas falem em seu próprio nome para que não haja uma violação de suas ideias evitando qualquer possibilidade de suas convicções serem deturpadas acidentalmente pela crença que o seu porta-voz possa ter.

O ambiente de que se fala sempre dá a seu narrador suas próprias impressões, os elementos que compõem a terra em que o escritor vive são vistas de forma particular, assim como Amado tem pela terra grapiúna uma paixão que é atribuída a cada elemento daquele solo que afirma amar. O escritor sente como se os elementos da terra falassem com ele: “acreditava que o ar; como as plantas, carregam partículas de terra do país e age de tal maneira sobre os habitantes que lhes determina a fisiologia” (VOLPE, 2005, p. 126), ou seja, Jorge Amado não morava apenas na Bahia ele era parte daquele estado, conseqüentemente, tornou-se uma das partes fundamentais da engrenagem de todo o país em que nasceu.

Devido a isso, ao escrever seu romance memorialístico Jorge não conta apenas sua história, mas, também, a história da cidade em que nasceu, tornando-se um narrador-historiador, pois retoma a história de toda uma sociedade. Utilizando-se de sua imaginação faz relatos emocionados de eventos que fortificam a tradição do povo grapiúna além de brindar o próprio narrador com flashes prazerosos de seu passado, como:

A tarefa do historiador-narrador seria, assim, uma possibilidade de mapear, com contornos e fronteiras móveis e imaginárias, os acontecimentos que relampejam do passado para o presente, apropriando-se de uma reminiscência no momento em que um perigo ameaça tanto a tradição quanto os que a recebem (VOLPE, 2005, p. 127)

E esse processo de mapeamento é apresentado no romance de Amado, todos os detalhes, os quais o escritor se propõe a mencionar:

O menino grapiúna não negou o compromisso do escritor, ao contrário, denotou-o com justeza e coerência, comportando o espaço regional “grapiúna”, com suas peculiaridades, como, também, a história particular do homem Jorge Amado, que tirou daí o realismo das memórias (AMADO, 1987, p. 12)

São as particularidades desse romance que, juntamente com o autor, nos transporta para outro período de sua vida com lembranças, emoções e

dificuldades de um período. A região apresentada passa a ter a impressão do romancista e, a partir do romance da memória se tem a recriação de uma região e um período da história do Brasil.

Considerações Finais

O texto mnemônico, através de quadros da memória atemporais e não-lineares lança a subjetividade do menino grapiúna nas entrelinhas da narrativa do autor sem que haja um compromisso com a veracidade absoluta dos fatos narrados no romance, pois a obra encontra-se impregnado com a ficção do autor. As informações contidas no romance memorialístico amadiano fazem uma caminhada pelo espaço fronteiro que engloba a ficção e a realidade.

Há nesse romance, fragmentos da memória de seu autor além de toda uma sensibilidade incomum a maioria das obras de Jorge Amado, que possuem um caráter mais social. Seus brados por justiça, tão comuns aos seus livros, são substituídos por uma narrativa mais humana, em cada capítulo demonstra toda a paixão que tem pelas personagens que apresenta em sua narrativa reina mais do que um apelo social, mas, também, a paixão pelas pessoas que compuseram toda a sua vida e que são transformadas em personagens fictícias em seu romance.

Além das características da escrita íntima e do escritor tem-se as particularidades da infância de Jorge. Pode-se observar de que forma o autor vê sua idade infante, além de sua coragem diante de todos os problemas que assolavam o ambiente em que nasceu e cresceu e, também, como aproveitou tudo que lhe foi ensinado transferindo muitas das características do seu passado para a composição de seus romances, transformou, pelo viés da ficção, amigos de sua meninice em personagens que viriam a povoar seus romances, como é o caso do destemido Honório, recriado em seu romance da memória.

Este trabalho apresentou de que forma o autor é capaz de reconstruir uma época por meio de suas memórias. Existe o relato de um período por meio de memórias que se deram ao romancista e, por meio delas, se apresentou

uma realidade particular, possivelmente, manipuladas pelo tempo e pelas escolhas das próprias memórias ao siderarem o romancista.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. O menino grapiúna. Rio de Janeiro: Record, 1987.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A. 1976.

CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado”. In: Arquivos Literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DESCARTES, René. Cogitationes privatae. In: Discours de la méthode. Paris: FG Flammarion, 2000.

DUQUE ESTRADA, Elizabeth M. Sobre a escrita de si e seus vínculos com a dimensão política: Algumas sugestões (ainda) dispersas. In: IPOTESE: Revista de estudos literários. v. 8, n.1. jan/jun, 2004 e n. 2. jul/dez. 2004. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

FURTADO, Fernando Fábio R. A idade do Serrote. In IPOTESE: Revista de Estudos Literários. v. 6. n. 1. jan/jun de 2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002.

GOMES, Álvaro Cardoso. Literatura comentada: Jorge Amado. São Paulo: Abril Educação, 1981.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y traducción. In: Literatura e memoria cultural. 2º Congresso ABRALIC: Anais: Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, v. 1.

REZENDE, Vânia Maria. O menino na literatura brasileira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

VOLPE, Miriam L. Geografias de exilo. Juiz de Fora: Ed. Da UFJF, 2005.